



Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental



# A Arte na Idade Média

## Arte Bizantina



Michelle Coelho Salort

MICHELLE COELHO SALORT

# A ARTE NA IDADE MÉDIA: ARTE BIZANTINA

1º edição

Rio Grande  
Edição do Autor  
2018

**Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)**  
**Informações concedidas pelo autor**

S175a Salort, Michelle Coelho

Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : A Arte na Idade Média – Arte Bizantina. / Michelle Coelho Salort. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.

13 p. ; il.  
Inclui bibliografia.

1. Arte Bizantina. 2. Arquitetura Bizantina.

3. Arquitetura Riograndina. I. Título

ISBN 978-85-924816-8-1

CDD 709.0214

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

## A Arte na Idade Média—Arte Bizantina

O termo Idade Média foi cunhado para nomear o período de mil anos entre os séculos V e XV, ou seja, entre a Antiguidade Clássica (Grécia e Roma) e seu ressurgimento com o Renascimento. Portanto, a Idade Média faz referência ao tempo histórico entre esses dois períodos marcados por grandes acontecimentos. No entanto, aqueles que cunharam o termo pensaram pejorativamente em um momento vazio, por isso, a Idade Média, também ficou conhecida como “Idade das Trevas”. Atualmente, acredita-se que o termo Idade Média, talvez não seja o mais adequado para nomear tal período, marcado pela vida religiosa, mas, quem sabe, em “Idade da Fé” (JANSON; JANSON, 1996) que aponta para a comunhão entre arte e religião.

No ano de 323 d.C., o imperador romano Constantino resolveu mudar a capital do Império de Roma para a cidade grega de Bizâncio, que passou a se chamar Constantinopla (hoje Istambul), reconhecendo assim, a importância das províncias do leste, e ainda, afirmar o cristianismo como a base religiosa do Império Romano, uma vez que esta era a região mais cristã do Império.

No começo do cristianismo, os cristãos eram perseguidos pelos romanos e para manifestarem sua fé, eles se escondiam em galerias subterrâneas, as catacumbas, onde enterravam seus mártires. Nesses locais estão as primeiras manifestações artísticas que uniu a arte e o cristianismo. A arte cristã primitiva era realizada por pessoas simples do povo, portanto, trata-se de uma arte muito simples com símbolos limitados como a cruz e a palma. Só mais tarde aparecem cenas do Antigo e Novo Testamento. Em 313 d.C., o imperador Constantino se converte ao cristianismo, mas foi o imperador Teodósio que oficializou o cristianismo como religião do Império (PROENÇA, 2010).

Com a mudança da capital, houve uma divisão no Império entre Oriental, ou Bizantino, e Ocidental. O Império Romano do Ocidente, cuja capital permaneceu sendo Roma, sofreu muitas invasões pelos povos considerados pelos romanos

como “bárbaros”, até que finalmente em 476 d.C. o Império Romano Ocidental foi dominado por estes povos, marcando assim, o começo da Idade Média. Entretanto, o Império Romano Oriental ou Bizantino, sobreviveu até o ano de 1453 d.C., quando Constantinopla foi tomada pelos turcos, data que marca o fim da Idade Média e começo da Idade Moderna (JANSON; JANSON, 1996).

No cenário cultural, a arte está agora, mais do que nunca, a serviço da nova religião: toda a manifestação artística tem como motivo ensinar aos fieis os princípios do cristianismo. É possível dividir as manifestações artísticas em pelo menos três momentos: a Arte Bizantina, que estudaremos nesse texto, a Arte Românica e a Arte Gótica, que veremos mais adiante.

### Arte Bizantina

Rio Grande foi colonizada pelo povo português que chegou aqui a partir do ano de 1737. Desde então, nossa cidade recebe inúmeras influências portuguesas. Dentre elas, destacam-se: os azulejos que revestem as fachadas de prédios, murais com os nomes de ruas e murais decorativos. Você já notou essa manifestação artística pelas ruas de nossa cidade? Vamos conhecer algumas? Mas, para isso, precisamos entender a evolução do azulejo e também o dos mosaicos, e um dos períodos em que a arte de construir mosaico mais se aperfeiçoou, com a arte bizantina.

No Império Romano do Oriente, ou Bizantino, o cristianismo havia se tornado a religião oficial, assim, fazia-se necessário a construção de templos que pudessem abrigar a grande quantidade de fieis que, a partir desse momento, podiam manifestar sua fé em Cristo. Dessa forma, a arte cristã primitiva, que era simples, foi substituída por uma arte majestosa, que tinha como objetivo exaltar a autoridade sagrada do imperador.

Para tanto, assim como na arte egípcia, foram usadas uma série de regras que deveriam ser seguidas, como a posição de cada figura, o tipo e posição de

mãos e pés, o tipo e as dobras das roupas, e os símbolos. Além disso, personagens reais e sagrados compartilhavam das mesmas características, como por exemplo, o uso da auréola, símbolo típico das figuras sagradas, usadas agora na representação de imperadores, como no caso do mosaico da Imperatriz Teodora (Figura 01), entretanto, as personagens sagradas são representados com características de personalidades do Império, ou seja, Cristo e Maria, apresentam-se como reis (PROENÇA, 2010).



**Figura 01.** *Imperatriz Teodora*, 547 d.C., Itália.

Fonte: <http://imperiobizantino.com.br/2011/10/16/um-ensaio-sobre-o-legado-do-imperador-justiniano-527-565/>

O Império Bizantino alcançou seu apogeu político e cultural com o imperador Justiniano 527-65 d.C. Justiniano resolveu construir uma igreja tão imponente quanto seu império no lugar de uma antiga edificação destruída por um incêndio. Contratou dois matemáticos para o projeto: Antêmio de Tales e Isidoro de Mileto, que inovaram no projeto arquitetônico que mescla o grande porte das construções romanas com um misticismo oriental. Hagia Sophia (sabedoria sagrada) (Figura 02) é do tamanho de três campos de futebol e mistura uma planta



retangular com a cúpula central que parece repousar sobre uma auréola de luz (STRICKLAND, 2002).



**Figura 02.** Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto, *Hagia Sofia*, 532-37 d.C., Turquia.

Fonte: <http://ayasofyamuzesi.gov.tr/en>

Além da arquitetura, a arte bizantina também se manifesta com os *ícones* (do grego “imagem”) quadros pintados com figuras sagradas. Para a realização dos ícones, o artista utilizava a técnica da *têmpera* (mistura de pigmentos a uma goma orgânica, geralmente gema de ovo, obtendo uma tinta, uma *têmpera*) ou da *encáustica* (diluição de pigmentos em cera derretida). Em geral, os artistas revestiam a superfície da madeira ou do metal com uma camada dourada, que servia de fundo para as imagens pintadas sobre essa camada. Para fazer as



Figura 03. Nossa Senhora entronizada com o Menino, 1280 d.C., provavelmente pintado em Constantinopla, têmpera sobre madeira.

Fonte: Italo-Byzantinischer Maler des 13

dobras das roupas ou rendilhados, os artistas retiravam a tinta, deixando aparecer o dourado do fundo.

O resultado é uma imagem que parece receber uma iluminação por trás. Por vezes, eram confeccionadas coroas ou eles colocavam pedras preciosas na pintura (Figuras 03 e 04). Os ícones eram adorados nas igrejas, mas também existiam nas casas dos populares (PROENÇA, 2010).





**Figura 04.** *A Virgem de Vladimir*, 1131, Moscou.

Fonte: [http://www.icon-art.info/masterpiece.php?lng=ru&mst\\_id=174](http://www.icon-art.info/masterpiece.php?lng=ru&mst_id=174)

Entretanto, é com os mosaicos que a arte bizantina ganha maior destaque. O mosaico já era velho conhecido de gregos e romanos, no entanto, eles usavam pedaços de mármore, de forma que as cores eram muito limitadas e em geral usados no chão. Aqui em nossa cidade, é possível encontrar um mosaico português no calçamento da praça sete de setembro, local em que provavelmente foi construído o Forte Jesus-Maria-José, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, que

deu início à ocupação portuguesa em Rio Grande e onde se encontra a pedra fundamental da cidade (Figura 05).

O mosaico bizantino não era feito no chão, mas na parede; ele não é composto de pedaços de mármore, mas sim, de tesselas de vidro com cores brilhantes; todavia, apresentavam poucas variações de tons e cada pedaço de vidro agia como um refletor. É uma arte sem precedentes seja pela técnica, seja pelo tamanho que era utilizada para decorar enormes paredes. Na obra *Justiniano e seu Séquito* (Figura 06) observa-se toda a grandiosidade dos mosaicos bizantinos. As figuras são altas, magras, com pés pequenos, rostos em forma de amêndoas e



**Figura 05.** Mosaico da Praça Sete de Setembro, Rio Grande.

Fonte: <http://caferiogrande.blogspot.com.br/2010/06/passeio-da-praca-7-de-setembro.html>

grandes olhos; não existe a intenção de sugerir movimento. O céu dourado e brilhante parece acolher uma corte celestial e não real, mostrando a divindade do poder real dos imperadores bizantinos (JANSON; JANSON, 1996).





**Figura 06.** *Justiniano e seu Séquito*, 547 d.C., Itália.

Fonte: <http://imperiobizantino.com.br/2011/10/16/um-ensaio-sobre-o-legado-do-imperador-justiniano-527-565/>

## Do Mosaico ao Azulejo

No princípio, os mosaicos eram feitos com tesselas (pedaços de pedras quadradas) de mármore ou pedras encontrados em cada região, mas, na arte bizantina, dá-se início a fabricação destas tesselas; essas pedras eram conhecidas como *azzellij* (ou al zuleycha, al zuléija, al zulaco) que significa “pequena pedra polida” e era usada para designar o mosaico bizantino do Próximo Oriente. Assim, a palavra portuguesa “azulejo” vem da palavra de origem árabe *azzellij*, no entanto, os portugueses só vão conhecer essa técnica de decoração no século XV quando D. Manuel I viaja para a Espanha e fica encantado com as paredes decoradas com azulejos que foram trazidos para Europa com os muçulmanos. Assim, D. Manuel I resolve edificar sua residência semelhante aos edifícios visitados em Saragoça,

Toledo e Sevilha, trazendo para Portugal o azulejo hispano-mourisco, decorando o Palácio Nacional de Sintra (REGO, 2013).

A partir deste momento o azulejo foi tão usado em Portugal que se tornou um símbolo do país. O Azulejo foi usado com suas variantes estéticas e técnicas de produção em muitos países europeus, mas é em Portugal que vai assumir a posição de destaque no universo artístico daquele país.

A paixão pelo azulejo é tamanha que atravessa o oceano e chega à nossa cidade, como, por exemplo, no Painele da Rua Luiz Loréa (Figura 07), em que os azulejos são usados para compor uma imagem da cidade de Águeda (cidade-irmã de Rio Grande) Os azulejos também são originários desta cidade portuguesa.



**Figura 07.** *Painel da Rua Luiz Loréa, Rio Grande.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal



Outro exemplo do uso do azulejo português em nossa cidade é o Sobrado dos Azulejos. Ele foi construído em 1862 por Antônio Benone Martins Vianna para ser sua residência, mas a partir de 1899 passou a ser utilizado como sede de uma das filiais do London and Brazilian Bank Ltda. Em 1938, foi adquirido por Luiz Angelo Loréa, que passou a morar no local com sua família.

O Sobrado dos Azulejos (Figura 08 e 09) está localizado na esquina entre as ruas Marechal Floriano Peixoto e Francisco Marques e é um sobrado revestido de azulejos portugueses esmaltados de 14x14cm, com decoração azul sobre branco, em padrão floral representando rosas contrapostas e entrelaçadas por ramagens. Oriundo da região do Porto.



**Figura 08.** *Sobrado dos Azulejos, Rio Grande.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

O prédio é um dos únicos sobrado em estilo neoclássico revestido com azulejos do Rio Grande do Sul. Em 1903, o Novo código de Posturas do Município passou a exigir calhas e dutos pluviais embutidos nas paredes, o que provocou a substituição dos antigos beirais por platibandas. Posteriormente, foram feitas ainda intervenções que descaracterizaram sua arquitetura.

A Associação Pró-Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande – APAHC adquiriu o sobrado em 1998, com verba da Refinaria de Petróleo Ipiranga e, assim, começou as obras de restauração, que ocorreram entre os anos de 2000 e 2001. O restauro foi dividido em duas etapas: a primeira, com a recuperação de reboco, pisos e cobertura, e a segunda, dos azulejos, em que parte foi restaurada e outra foi trazida de Portugal. Hoje, o Sobrado dos azulejos abriga a Secretaria de Município da Educação – SMEd.



**Figura 09.** *Sobrado dos Azulejos, Rio Grande.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

## Referências

BELL, Julian. Uma nova História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
REGO, João Henrique Cunha. História do Azulejo. Disponível em: <http://jhenrique.art.br/historia/>. Acessado em 11/11/2013  
GOMBRICH, E.H. *A história da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.  
JANSON, H.W; JANSON, A.F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.  
PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.  
\_\_\_\_\_. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2010.  
STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada – Da Pré-história ao Pós-Moderno*. Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

## Sites

<http://caferiogrande.blogspot.com.br/2010/06/passeio-da-praca-7-de-setembro.html>  
<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15627>  
<http://imperiobizantino.com.br/2011/10/16/um-ensaio-sobre-o-legado-do-imperador-justiniano-527-565/>